

**A ORTOGRAFIA EM ISMAEL COUTINHO:
UM OLHAR HISTORIOGRÁFICO**

Fernanda Viana de Sena (UEMS)

ferviana01@hotmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

Seguindo a historiografia linguística do português, percebe-se que a ortografia nunca foi uniforme e, de acordo com o período, a modalidade escrita sofreu variadas alterações. A escrita era remetida a momentos, ora de influência etimológica, ora de primitiva simplicidade. O presente trabalho versa sobre o estudo diacrônico da ortografia da língua portuguesa no início do século XX, nos moldes da ortografia vigente nos *Contos Ingênuos*, de Ismael de Lima Coutinho. A mudança na ortografia é apenas uma convenção social com objetivos políticos e não representa um problema linguístico. Mesmo assim, esse fato faz com que obras anteriores à ortografia atual causem um certo desconforto por parte daqueles que não conheceram o modelo vigente no momento em que os contos do autor foram escritos. A base de sua ortografia pode ser encontrada na gramática de Eduardo Carlos Pereira.

Palavras-chave:

Ortografia. Ismael Coutinho. Historiografia linguística. Contos ingênuos.

1. Introdução

Quando se faz um percurso historiográfico da ortografia da língua portuguesa, encontra-se variadas formas de escrita ditas corretas em determinados contextos. O estudo diacrônico constata que as palavras sofriram mudanças consideráveis. Seja por influência etimológica ou primitiva simplicidade fonética. Nesse modelo de estudo, é visível a discrepância entre um período gráfico e outro. Este fator instável da modalidade escrita da língua levou estudiosos da época a pensar em uniformidade ortográfica. Um dos pioneiros das reformas ortográficas foi Aniceto dos Reis Gonçalves Viana que com seu trabalho *Ortografia Nacional* inaugurou e serviu de paradigma teórico a todas as tendências simplificadoras. (COUTINHO, 1976)

O objetivo desse trabalho é discutir e relacionar a escrita de Ismael de Lima Coutinho à ortografia da língua portuguesa no século XX. A

obra *Contos Ingênuos*³³ possui seis contos anotados ou revisados pelo autor, inclusive com um índice (cuja folha se partiu, perdendo-se a segunda metade), em que eles são relacionados para uma possível publicação, sob o pseudônimo de João das Chagas. Provavelmente os contos foram escritos entre 1919 e 1925, durante o período de quase dez anos que Ismael Coutinho viveu em reclusão no seminário São José, em Niterói, dos dezessete aos vinte e seis anos de idade. (SILVA, 2011b)

A *Gramática Expositiva* e a *Gramática Histórica* de Eduardo Carlos Pereira serviram de recurso e suporte a Ismael de Lima Coutinho e é com base nelas que iremos encontrar justificativas para a escolha de entradas lexicais em seus textos. Entende-se que o autor escreveu para o seu tempo e se apropriou das exigências locais.

Mesmo diante de recorrentes transformações, notabiliza-se que a língua é a mesma, o que muda é a modalidade escrita dela. Essa mudança não gera um problema linguístico, apenas faz parte de um acordo político. Mesmo assim, esse fato faz com que obras anteriores à nova ortografia causem um certo desconforto por parte daqueles que não conheceram a ortografia vigente no momento em que a obra de Ismael de Lima Coutinho foi redigida.

Àqueles que estudam as manifestações linguísticas de uma época, a pesquisa provoca uma comparação intencional ou não ao estado atual da ortografia. Além disso, é possível revelar justificativas de fenômenos que se instauram na comunidade escrita.

A escrita dos contos de Ismael de Lima Coutinho seguia a norma ortográfica da gramática de Eduardo Carlos Pereira. Porém, a partir de estudos linguísticos e trabalhos no magistério, elaborou, em 1938, sua obra *Pontos de Gramática Histórica*. Há semelhanças entre as gramáticas de Ismael de Coutinho e Eduardo Carlos Pereira, as regras ortográficas eram as mesmas. No próximo item, apresentaremos os sistemas da ortografia de Eduardo Carlos Pereira nas duas gramáticas do autor.

³³ Os textos encontram em <http://www.filologia.org.br/homenageados/ic/cd/contos/sumario.html>

2. A ortografia na Gramática Expositiva de Eduardo Carlos Pereira³⁴

A *Gramática Expositiva* define que ortografia é a representação de vocábulos aceita por bons escritores de uma língua. Segundo essa gramática, há uma dificuldade de estabelecer uma sincronia entre a fala e a escrita, pois não há, na língua portuguesa, uma letra para cada tipo de fonema. Porém, esse fato não é o maior problema, Eduardo Carlos Pereira entendia a dificuldade de se conceber um padrão de ortografia diante dos sistemas ortográficos já estabelecidos. Ele entendia que havia um padrão para determinadas épocas. Tanto em sua gramática histórica quanto em sua gramática expositiva, ele trata dos sistemas: fonético, etimológico e misto ou usual. Cada sistema de ortografia possuía uma característica e representava um contexto, fazendo com que escritores se adaptassem às tendências.

2.1. Sistema fonético

Este sistema de escrito fiel às nuances da fala é inaugurado juntamente com a invenção da escrita. Antes do surgimento dessa tecnologia, Burggraaf (*apud* PEREIRA, 1935) afirma que a ortografia passou por quatro fases evolutivas: figurativa, simbólica, ideológica e fonética. No período fonético havia representações variadas da mesma palavra, como é o caso de *hidade/idade/ydade* e *homem/omem/ome*. Para esse momento, o que importava era coincidir cada fonema com uma letra. O fato de não haver um padrão de ortografia estabelecido, os usuários dessa modalidade escreviam de acordo como falavam. Por conseguinte, as mudanças de pronúncia ou quaisquer interferências na fala fazia com que a ortografia sofresse alteração.

Além da falta de uniformidade da escrita e da não representação fiel das palavras faladas nesse período, a grande expansão territorial do país também influenciava a variação ortográfica e dificultava a uniformização da escrita da língua portuguesa.

2.2. Sistema etimológico

Na *Gramática Histórica*, Eduardo Carlos Pereira diz que o siste-

³⁴ As definições e citações de Eduardo Carlos Pereira foram atualizadas de acordo com o sistema ortográfico vigente.

ma etimológico é mais um pendor do que um sistema, a grafia não representava exatamente os sons, porém era determinada pela forma histórica originária. Os vocábulos desse contexto enquadravam-se segundo os grupos consonantais homogêneos ou geminados – formados por consoantes idênticas *ll, ff, bb, cc, gg*, entre outros – e heterogêneos, formados por consoantes diversas *pt, ct*, entre outros. Esse sistema encontrou grandes dificuldades, pois havia o desconhecimento da origem dos vocábulos *metter, fallar esculptura, astma, character* e os erros ortográficos frequentes eram determinados por falsas etimologias.

2.3. Sistema usual ou misto

Nesse período ocorre a miscigenação dos sistemas fonético e etimológico. Os usuários tendem a diversidade gráfica pelo fato de não haver, justamente, uma uniformidade dessa modalidade. Este sistema é considerado o último dos demais e traz uma intenção de simplificação das regras ortográficas do português luso e do brasileiro.

Ismael de Lima Coutinho (1938), além de escrever seus contos, desenvolveu sua obra *Pontos de Gramática Histórica* e esclareceu a historicidade da ortografia sob a mesma ótica de Eduardo Carlos Pereira. A seguir apresentaremos os períodos da ortografia segundo Ismael de Lima Coutinho, já que é o autor dos contos que serviram de base como *corpus* do presente capítulo.

3. Períodos da ortografia segundo Ismael Coutinho

Ismael de Lima Coutinho desenvolve seus estudos gramaticais a partir das gramáticas expositivas e históricas de Eduardo Carlos Pereira. Faremos a abordagem da *Gramática Histórica* de Ismael Coutinho, justificando as tendências que ele utilizou nos *Contos Ingênuos*. Segundo o filólogo, a história da nossa ortografia se divide em três períodos: o fonético, o pseudoetimológico e o simplificado.

3.1. Período fonético

No período fonético, as palavras escritas possuíam uma aproximação maior com a pronúncia, entretanto, ocorriam manifestação do tipo: *hidade/idade/ydade*, sem nenhuma sistematização criteriosa. Em al-

guns momentos, havia uma certa infidelidade gráfica, pois o material produzido pela fala não era recepcionado de igual modo entre os ouvintes, a partir daí, cada um escrevia de acordo com aquilo que escutava. Nesse período não havia um padrão na transcrição das palavras. Num documento, às vezes, apareciam os mesmos vocábulos grafado de modo diferente, como pode ser observado em *homem/omem/ome*. Diante disso, a preocupação fonética transparecia a cada momento. A escrita era a representação da fala, uma imagem acústica percebida e representada graficamente.

O objetivo dos escritores ou copistas da época era facilitar a leitura, dando ao leitor uma impressão, tanto quanto possível da língua falada. (COUTINHO, 1976). Por mais que a escrita avançasse entre os usuários, era improvável que esta acompanhasse a evolução da língua oral que, por sua vez, aúfere constantes transformações. Este período começa com os primeiros documentos redigidos em português e estende-se até o século XVI. A fim de elucidar o período, a escrita fonética assemelha-se ao momento da alfabetização de uma criança que não domina a ortografia de sua língua, ela escreve como fala.

3.2. Período pseudoetimológico

O eruditismo dos séculos XVI a XVIII era a dominação desse período da escrita. Havia a preocupação etimológica dos vocábulos que, muitas das vezes, não coincidiam com a real origem desses. Portanto, duplicavam-se as consoantes intervocálicas e inventavam-se símbolos extravagantes, a pretexto de uma aproximação artificial com o grego e o latim, esse fato possui um critério pretensioso que contrariava a própria evolução das palavras.

O objetivo desse tipo de grafia era respeitar as letras originárias das palavras, mesmo que tais letras não representassem nenhum fonema, como é o caso do h nos vocábulos *contrahido*, *compreendeu*, entre outras ocorrências nos contos. O que caracteriza este período é o emprego de consoantes geminadas *aquella*, *effeitos* e insonoras, de grupos consonantais chamados gregos *Jacinto*, *apotheose*.

Inicia-se no século XVI, esse momento, com os primeiros tratados de ortografia. Pêro de Magalhães de Gândavo publica *Regras de Escrever a Ortografia da Língua Portuguesa* e Duarte Nunes do Leão, *Ortografia da Língua Portuguesa*. No século XVII, surgem Álvaro Ferreira

de Vera, autor da *Ortografia ou Modo Para Escrever Certo na Língua Portuguesa* e João Franco Barreto, que publica a *Ortografia da Língua Portuguesa*. Madureira Feijó, no século XVIII, publica a *Ortografia ou arte de Escrever e Pronunciar com Acerto a Língua Portuguesa* e Monte Carmelo é o autor de *Compêndio de Ortografia*. (Cf. COUTINHO, 1976)

Nesse período ortográfico, não só os novos vocábulos entraram no léxico com aspecto alatinado, mas também os vocábulos antigos. As palavras *dino*, *benino* e *malino*, por exemplo, receberam a letra -g- e passaram a ser escritas e pronunciadas assim: *digno*, *benigno* e *maligno*. A princípio apenas um sinal etimológico, vindo do latim, que pseudoetimologistas restabeleceram em tais palavras. Além da suposta influência latina, houve uma vasta imitação ortográfica do francês, no momento em que surge o Renascimento. Ou seja, escritores nacionais tendenciavam ao formalismo europeu a fim de moldar o estilo literário nativo ao que estava em ascensão.

3.3. Período simplificado

No terceiro período, que assinala a renovação dos estudos linguísticos em Portugal, Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, foneticista, depois de algumas tentativas, consegue apresentar um sistema racional de grafia, com base na história da língua. De conformidade com os princípios por ele estabelecidos, há dois sistemas simplificados: o português e o luso brasileiro.

Brasil e Portugal, por intermédio de seus governos, começaram a pensar nos chamados acordos ortográficos, a fim de desfazer a indecisão na escolha de um ou outro tipo ortográfico, simplificando, contudo, ao máximo o sistema de grafia. Nessa fase, Aniceto dos Reis Gonçalves Viana determina os princípios que devem regular qualquer sistema de simplificação. São estabelecidos, segundo Ismael de Lima Coutinho (1976), os seguintes princípios: Total eliminação dos símbolos de etimologia grega, *th*, *ph*, *ch*, *rh*, *y*. Redução das consoantes dobradas, com exceção do *rr* e *ss* mediais, que têm valores peculiares. Eliminação de consoantes nulas, quando não influenciam na pronúncia da vogal que as precede. No conto de Ismael de Lima Coutinho, conta-se com tais manifestações: *esculptural*, *distinctamente*, *direcções*. Regularização da acentuação gráfica.

Entende-se com a exposição fundamentada diacronicamente que,

basicamente, o período simplificado orienta-se pela pronúncia, fator fonético, pela etimologia e pelo elemento histórico, este que por sua vez, adquiriu-se ao longo do caminho que a própria língua percorreu.

Em 1911, Brasil e Portugal estabeleceram suas reformas, seguindo caminhos diferentes (DUARTE, 2003). Em 1931, tentaram realizar um acordo, porém o projeto não avançou. O Brasil passou a adotar o sistema ortográfico de 1943 e Portugal de 1945. Em 1990 estabeleceu-se um novo acordo ortográfico para pôr fim à duplicidade da ortografia portuguesa, o acordo entrou em vigor em 2009, porém foi estabelecido um prazo de adaptação para os livros didáticos inserirem as modificações necessárias e para os usuários da língua portuguesa acostumarem-se com a nova realidade da modalidade escrita.

4. Fenômenos abordados: o uso do *h*, *th*, *ph* e das consoantes geminadas em Eduardo Carlos Pereira

Os fenômenos de uso do *h*, *th*, *ph*, e das *consoantes geminadas* são recorrentes no conto de Ismael de Lima Coutinho. Todavia a gramática expositiva de Eduardo Carlos Pereira, gramática da época, faz uso desses fenômenos e não justifica tais fenômenos. Apenas na gramática histórica do autor, a proscrição absoluta dos símbolos gregos é citada e o *h* aparece, em português arcaico, sem razões etimológicas, como exemplo, *he*, *ho*, *ha*, *hum*, *hontem*, *hombro*, *húmido*, atualmente, *é*, *o*, *a*, *um*, *ontem* e *úmido*. Eduardo Carlos Pereira (1946, p. 21) diz que “suprime-se o *h* dos grupos *ph*, *rh*, *th*: *filosofia*, *retórica*, *entusiasmo*”. A partir de estudos anteriores à gramática de Eduardo Carlos Pereira, podemos observar que há respaldos para tais usos nos estudos de Duarte Nunes de Leão em sua obra *Ortografia e origem da língua portuguesa*. A seguir, iremos desenvolver as justificativas dos fenômenos ortográficos de acordo com Duarte Nunes de Leão, já que Eduardo Carlos Pereira apenas apresenta as regras, sem uma explicação.

4.1. O uso do *h*, *th* e *ph*

Segundo Duarte Nunes de Leão (1576), o *h* é uma aspiração ou sopro. Os portugueses não utilizam a aspiração na pronúncia, mas na escrita. Exemplo disso é: *homem*, *honra*, *hora*, entre outros. Mesmo que não ocorra a aspiração, a ocorrência do *h* era necessária para guardar a ortografia dos nomes latinos e gregos, a fim de se conhecer a origem e

etimologia dos vocábulos.

Interessante é notar que a localização do *h* junto a vogais e a consoantes ocorre de maneiras distintas. O *h* antecede as vogais, como *homem, hora, honra*, e sucede as consoantes, como *Philosophia, Theologia*. Essa notação não abrange as interjeições *ah!* e *oh!* (Significativas de temor e admiração).

4.1.1. *Contraído, compreendeu*

Percebemos no conto de Ismael de Lima Coutinho a ocorrência de *h* em sílaba tônica junto a vogal *i* – a palavra é *contraído* (*latim contraho, -ere, reunir, juntar, diminuir, apertar, causar*). A justificativa do *h* nesse caso é, apenas, para marcar a origem, etimologia latina do vocábulo.

Observamos também a palavra *compreendeu*³⁵, composição latina a partir da preposição *cum* (com- em companhia de) e o verbo *prehendo*, *is, di, sum, prehendere* (agarrar, apanhar).

4.1.2. *Jacinto, apotheose*

Duarte Nunes de Leão afirma que o *th* dos gregos aspirado nas dicções gregas é usado em *theologia, theórica, Thomás*, os portugueses não acrescentaram ao alfabeto nem os latinos ao seu.

A qual letra nós não acrescentamos ao nosso alfabeto, nem os latinos ao seu. Porque não temos figura que denote, como os gregos, que lhe dão uma só figura assim: *o*, mas figuramo-la com o *t* e *h*, com a qual aspiração se afrouxa a pronúncia do *t*. (LEÃO, 1576)

No conto de Coutinho, *Tio Jacinto*, nota-se a presença do *th* no título do conto. A ocorrência justifica-se por se tratar de nomes próprios que guardam as características de sua origem ou marcas de um pseudo-etimologismo. Fato que Ismael de Lima Coutinho aborda em sua *Gramática Histórica*, fenômeno de empolgação ortográfica dos escribas.

³⁵ Dicionário Houaiss: Etimologia – -lat. *comprehendo*(*compraehendo*),*is,di,sum,ire*; ver *prend-*; f.hist. sXIII *comprender*, sXIV *comprender*, sXV *conplender*, *cõprehẽder*. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/compreender>>.

4.1.3. *saphira*

A palavra *safira*, s.f. Pedra preciosa, variedade transparente da cor, indo de cor azul brilhante em diversos tons e muito dura. (*Dicionário online de Português*) está grafada no conto com *ph* no lugar do *f* e a razão etimológica é grega.

Em 1907, a Academia Brasileira de Letras aprovou a reforma ortográfica e um dos seus artigos citava a proscrição de consoantes insonoras, que é o caso do *h*, e dos grupos gregos substituindo-os por consoantes simples correspondentes. Esses grupos são o *th*, *ph*, *ch* e *rh*, para exemplificar tínhamos as palavras: *orthographia*, *philosophia*, *orchestra* e *rhetorica*, passaram a ser escrita com consoantes simples, ortografia, filosofia, orquestra e retórica.

Mesmo com esse projeto de reforma e simplificação da ortografia portuguesa, a escrita etimológica aparecia, frequente, em textos mais contemporâneos. O conto de Ismael de Lima Coutinho nos mostra que resquícios do passado se faziam presentes na ortografia da época.

4.2. Consoantes geminadas

Duarte Nunes de Leão (1576) denota que algumas letras se dobram nas dicções por natureza das palavras, outras por derivação, outras por significação, outras por corrupção, outras por variação, outras por composição. As que se dobram por natureza não se pode dar regra, os vocábulo foram compostos à vontade de quem os inventou.

Os grupos consonantais são formados pelo contato de consoantes no corpo do vocábulo, quer pertençam a mesma sílaba, quer não. Quanto à posição, podem ser *iniciais* e *mediais*, e quanto à procedência e composição dividem-se em: latinos, românicos, próprios, homogêneos e heterogêneos. (LEÃO, 1576)

Abordaremos, a seguir, os vocábulo com consoantes geminadas (homônimas) e os grupos consonantais heterônimos presentes no conto "Tio Jacintho", de acordo com a *Gramática Histórica* de Ismael de Lima Coutinho.

I- Grupos homônimos com L – *aquella*, *alli*, *daquelle*, *estrellas*, *cabellos*, *elle*, *naquelle*, *intervallos*, *belleza*, *colar*, *fallaciosa*, *bellissimo*. De acordo com Leão (1567), esses vocábulo têm o "l" dobrado por natureza das palavras sem regra geral.

II- Grupos homônimos com F – *efeitos*, a razão de tal grafia se dá pelo composto da preposição *ex*, se eles começam em f. *sufficiente*, dá-se pelo composto da preposição *sub*.

III- Grupos homônimos com C – *succediam*, todos os verbos, que começando em c se compuseram com estas preposições *ob*, *sub*, e os descendentes deles. No caso *de acceso*, dobram os verbos que, começando na dita letra, se compuseram com a preposição *ad*.

IV- Grupos homônimos com P – *apareceu*, *supplicando*, *p* dobram os verbos compostos que, tendo *p* no princípio, se compuseram com as preposições *ab*, *ob*, *sub*.

V- Grupos homônimos com T – *atenção*, *atraccção*, não há regra ao uso dobrado da consoante *t*.

VI- Grupos heterônimos – no grupo *pt*, *ct*, *cç* dá-se, muita das vezes, a vocalização do primeiro elemento, ocorrência em *esculptural*, *distintamente*, *direcções*.

A partir da exteriorização teórica dos gramáticos citados, o conto evidencia-nos que a escrita da época apresentava notações sistemáticas simultâneas e, a partir das mudanças da escrita, iremos analisar o que a gramática vigente, a *Moderna Gramática Portuguesa* de Evanildo Bechara, traz concernente às regras de escritura de algumas palavras. É imprescindível destacar que o presente estudo recorta apenas os casos de usos de consoantes geminadas ou não e do símbolo etimológico.

5. Conclusão

Nos contos, percebemos a historicidade marcada nas palavras de Ismael de Lima Coutinho, ao ponto de assumir o lugar de pesquisador da gramática histórica tratando assim, em particular, da ortografia histórica. O que se conclui a partir desse estudo é que, mesmo com a forma arcaica de alguns vocábulos no conto, o texto não deixa de ser claro e incompreensível, visto que as variedades dizem respeito às notações ortográficas e não fonéticas. Isso era de se esperar, o fato é que os documentos são as maiores provas que elucidam a história de um povo e de sua língua. As manifestações ortográficas na obra são base de estudo para historiadores e linguistas que se interessam sobre o assunto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

LEÃO, Duarte Nunes. *Ortografia e origem da língua portuguesa*. Introdução, notas e leitura de Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1983.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva: curso elementar*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1946.

_____. *Gramática expositiva: curso superior*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1958.

SILVA, José Pereira da. *A nova ortografia da língua portuguesa*. Niterói: Impetus, 2009.

_____. (Org.). *Contos ingênuos de João das Chagas*. Rio de Janeiro: CIFEFiL, 2011a.

_____. (Org.). *Espólio de Ismael Coutinho*. Edição digitalizada de seus inéditos e dispersos, manuscritos e datiloscritos, além de sua produção literária. Rio de Janeiro: JM Botelho, 2011b.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

VIANA, Aniceto dos Reis Gonçalves. *Ortografia nacional*. Lisboa: Tavares Cardoso, 1904.